

## UM ESCOLA PARA VITÓRIA: MEMÓRIA DE UM PROCESSO INSULAR E EMERGENCIAL DE ENSINO

*A SCHOOL FOR VITÓRIA: MEMORIES FROM AN INSULAR AND PRESSING TEACHING PROCESS*

*UNA ESCUELA PARA VITÓRIA: RECUERDOS DE UN PROCESO DE ENSEÑANZA INSULAR Y APREMIANTE*

Cardoso, Eduardo Schiavone

### RESUMO

Este texto reporta-se a uma experiência em educação realizada ao longo do ano de 1992 e início de 1993 junto à comunidade de pescadores, agricultores e artesãos da Ilha da Vitória – município de Ilhabela – SP. No ano de 1992, levado a cabo pelo Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma, foram desenvolvidas ações esporádicas de alfabetização de crianças, jovens e adultos da ilha. No início de 1993, com o apoio do Laboratório de Ciências Humanas, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo SP, estas ações se ampliaram e culminaram com um esforço concentrado de alfabetização durante dois meses. O texto inicia-se com a apresentação e caracterização da Ilha da Vitória, segue com os antecedentes da questão educacional na ilha, o projeto e as ações realizadas e finaliza com um relato dos desdobramentos do trabalho desenvolvido. Recuperar essa experiência, trinta anos depois, tem o objetivo de registrar o processo desencadeado e refletir sobre sua relevância.

**Palavras-chave:** Ilhéus. Ilha da Vitória. Educação. Alfabetização.

### ABSTRACT

This essay pertains to an educational experience carried out through the years of 1992 and early 1993 with the community of fishermen, farmers, and craftsmen of Ilha da Vitória - municipality of Ilhabela - SP. In 1992, promoted by the São Sebastião Tem Alma Cultural Project, sporadic literacy activities were developed for children, youth, and adults on the island. In early 1993, with the support of the Laboratory of Human Sciences, from the Faculty of Education of the University of São Paulo - SP, these actions were expanded and culminated in a focused literacy effort during the course of two months. The text begins with the presentation and characterization of Ilha da Vitória, then continues providing the background for the educational issue on the island, as well as for the project and its accomplished actions, and it ends with an account of the results of the promoted activities. Retrieving this experience, thirty years later, has the objective of registering the sequent process and reflecting on its relevance.

**Keywords:** Islanders. Ilha da Vitória. Education. Literacy.

### RESUMEN

Este ensayo se refiere a una experiencia educativa llevada a cabo durante los años 1992 y principios de 1993 con la comunidad de pescadores, agricultores y artesanos de la Ilha da Vitória, municipio de Ilhabela, SP. En 1992, promovido por el Proyecto Cultural São Sebastião Tem Alma, se llevaron a cabo actividades esporádicas de alfabetización para niños, jóvenes y adultos en la isla. A principios de 1993, con el apoyo del Laboratorio de Ciencias Humanas de la Facultad de Educación de la Universidad de São Paulo - SP, estas acciones se ampliaron y culminaron en un esfuerzo de alfabetización enfocado durante dos meses. El texto comienza con la presentación y caracterización de la Ilha da Vitória, luego continúa proporcionando el contexto del problema educativo en la isla, así como del proyecto y sus acciones realizadas, y finaliza con un relato de los resultados de las actividades promovidas. Recuperar esta experiencia, treinta años después, tiene como objetivo registrar el proceso secuente y reflexionar sobre su relevancia.

**Palabras clave:** Isleños. Ilha da Vitória. Educación. Alfabetización.

## INTRODUÇÃO

“Pensar sobre a vida que vai se fazendo na escola pode ser, de alguma forma, tentar apreendê-la nos diferentes momentos, movimentos e ritmos de pessoas e de fatos que se entrecruzam, se entrelaçam, em convergências e confrontos, suaves e abruptos, nos tempos diminutos ou nos grandes tempos de um processo de longa duração” (LUTFY; SEABRA; PONTUSCHKA, 1993).

Este texto reporta-se a uma experiência em educação realizada ao longo do ano de 1992 e início de 1993 junto à comunidade de pescadores, agricultores e artesãos da Ilha da Vitória – município de Ilhabela – SP e é dedicado à memória de Manuel Costa, Nídia Nacib Pontuschka e Teresa Aguiar, três de seus muitos altivos protagonistas. No ano de 1992, levado a cabo pelo Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma - PCSSTA<sup>1</sup>, foram desenvolvidas ações esporádicas de alfabetização de crianças, jovens e adultos da ilha. No início de 1993, com o apoio do Laboratório de Ciências Humanas, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – LCH-FEUSP, estas ações se ampliaram e culminaram com um esforço concentrado de alfabetização durante dois meses. O texto inicia-se com a apresentação e caracterização da Ilha da Vitória, segue com os antecedentes da questão educacional na ilha, o projeto e as ações realizadas e finaliza com um relato dos desdobramentos do trabalho desenvolvido.

Tem como fonte os materiais produzidos à época que consistem no registro das ações desenvolvidas, a sistematização desta experiência exposta no “Encontro Paulista de Geografia” realizado em Campinas – SP em 1993, o caderno de memória fotográfica intitulado “Uma Escola para Vitória” e o documentário de mesmo nome produzido pela equipe do projeto, com roteiro de Eduardo Cardoso e Ariane Porto.

Trata-se, antes de tudo de uma obra coletiva, da qual participaram as seguintes pessoas: “Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma” - Teresa Aguiar e Ariane Porto (Coordenadoras), Heide Cristina B. Carvalho, Maria Yolanda O. Costa, Maria Izabel Pinder, Reinaldo Joaquim Santana, Eduardo S. Cardoso, Sandra H. Santana, Adriana G. Rodrigues, Geraldo Gonçalves Filho, Miromar dos Santos, Alexandre Ronconi Jr., Guilmer P. Tavares e Yara M. Pinder (Equipe); “Laboratório de Ciências Humanas – Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo” – Nídia Nacib Pontuschka (Coordenadora), Ana A. Guimarães, Ana Letícia M. Penedo, Ana Lúcia S da Silva, Antonio Carlos Fonseca, Cleni Estela Restaus, Deise L. Costa, Edison Silva, Eduardo S. Cardoso, Lúcia M. G. Oliveira, Luís Paulo M. Ferraz, Marcelo R. Melo, Maria Ilda Cancian, Maria Luíza C. Silva, Mauro A. Albino, Maurice S. Tomioka Nilsson, Mônica Markunas, Raul B. Guimarães, Regina Maria Cancian, Renato F. da Silva Jr., Ricardo Luis de Souza, Ricardo S. Fernandes e Rubens A. dos Santos (Monitores).

Recuperar essa experiência, trinta anos depois, tem o objetivo de registrar o processo desencadeado e refletir sobre sua relevância.

**Figuras 1 e 2** – Silhuetas da Ilha da Vitória



**Fonte:** Foto do organizador (2023); Desenho acervo pessoal (1992)

<sup>1</sup> O Projeto São Sebastião Tem Alma foi criado em 1989, na cidade de São Sebastião – SP, com o objetivo de reavivar a cultura caiçara, ameaçada frente aos inúmeros processos de ocupação do Litoral Paulista. Realizou uma série de eventos ao longo dos anos de 1990 e 2000, tais como os “Encontros dos Povos do Mar”, além do trabalho de documentação e difusão da cultura marítima e das atividades ligadas a pesca artesanal e a atuação junto aos movimentos sociais da pesca.

## A ILHA DA VITÓRIA

A Ilha da Vitória situa-se no Litoral Norte do estado de São Paulo e pertence ao município de Ilhabela. Das ilhas que abrigam comunidades de ilhéus caiçaras, a Vitória é a mais distante, situada a 38 quilômetros da costa, tendo seu acesso prejudicado pela ausência de um sistema de transporte regular de embarcações e pelas condições de mar e de meteorologia que, por vezes, impedem a travessia e o desembarque nas costeiras rochosas da ilha. Em seus 221,3 hectares encontram-se áreas de vegetação florestal, campos de samambaias, roçados e campos de gramíneas (ÂNGELO, 1989). Dentre estas últimas encontram-se as áreas de expansão de uma espécie exótica de taquara.

**Figuras 3 e 4** – Costeiras rochosas da Ilha e condições de desembarque



**Fonte:** Fotos do organizador (2023 e 2010)

O povoado, com pouco menos de 50 habitantes, tem na pesca artesanal a principal atividade geradora de renda, aliada à pequena agricultura – primordialmente para o consumo interno e ao artesanato – vendido aos turistas na própria ilha, ou entregue para venda nas casas de artesanato das cidades próximas. Alguns dos problemas enfrentados pelos ilhéus dizem respeito à concorrência com a pesca predatória, as cadeias de intermediação do pescado que acabam reduzindo o valor de sua produção e os custos altos dos produtos necessários à sua vida, que devem ser adquiridos no continente.

Por sua feita, o distanciamento frente aos processos de especulação imobiliária, que transformaram o espaço do Litoral Norte Paulista nas praias e sertões do continente, expropriando os caiçaras das suas casas, roças e ranchos, garantiu aos ilhéus de Vitória a posse da ilha. Entretanto, esta mesma distância, acaba por isolar os ilhéus de serviços essenciais, como comunicação, transporte, saúde e educação (CARDOSO, 1996).

**Figuras 5 e 6** – Croqui e imagem de localização da Ilha da Vitória





O evento reuniu cerca de cento e setenta participantes e durante dois dias foram discutidas problemáticas envolvendo os ilhéus e as ilhas do Estado, em cinco seções de conferências, depoimentos e debates assim delineadas: "A importância das Ilhas do Litoral Paulista"; "Educação, saúde e comunicação nas ilhas"; "Pesca, agricultura e extrativismo nas ilhas"; "Legislação nas ilhas: as leis e os ilhéus"; e "Preservar e ocupar as ilhas: para que e para quem?".

Durante o "Encontro das Ilhas", o Sr. Manuel Costa – o morador mais antigo da comunidade, trouxe à tona a situação de abandono da educação na Ilha da Vitória durante grande parte da década de 1980 e nos anos de 1990, com a escola desativada e o antigo local de funcionamento da escola destruído, resultando no alto índice de analfabetismo entre os adultos e na totalidade dos jovens e crianças residentes na ilha.

Nas suas palavras:

"Sempre tamos esperando uma escola e não tem. Faz inté uns oito anos que não tem escola no nosso lugar. Eu cortei umas plantação, abacate, laranjeira, cafeeiro, uma baita duma cava grande, mas eles nunca fizeram a escola. Faz uns oito anos já que era prá tá pronta a escola, que não tá pronta a escola. (...) Só eu tenho oito netos, que tão prá ir na escola, mas não tem escola o que é que vão fazer. Agora, quem sabe, vamos ver se arranja uma escola..." (PCSSTA; LCH-FEUSP, 1993).

Ao final dos debates foram estabelecidos Grupos de Trabalho que discutiram e elaboraram as propostas relativas aos temas da Saúde, Comunicação, Educação, Pesca, Agricultura, Extrativismo, Desenvolvimento e Conservação, envolvendo os ilhéus e as ilhas. Estas propostas compõe o documento final do encontro, intitulado "Carta do Ilhéu".

No âmbito educacional foram elencadas treze propostas, dentre as quais algumas versando sobre a estrutura física das escolas, como a manutenção das escolas das ilhas, a recuperação dos prédios escolares desativados – no caso do Saco do Sombrio e Ilha do Monte de Trigo, e a construção de escolas – na Ilha da Vitória e Praia da Fome. Outras propostas, do mesmo grupo de trabalho, apontam a necessidade de levar em conta a especificidade das comunidades de ilhéus, adequando os arranjos e estratégias de funcionamento da escola, os calendários letivos e as temáticas de ensino, para a realidade insular.

**Figura 10:** Encontro da Ilhas – 1990; em primeiro plano moradores de Vitória e Búzios



Fonte: PCSSTA (1992)

Figura 11: Capa do documento Carta do Ilhéu – 1990



Fonte: PCSSTA/PPCAUB (1990)

## A ESCOLA E A EDUCAÇÃO EM VITÓRIA

Na perspectiva do entendimento do processo de constituição da escola na Ilha da Vitória, o PCSSTA, à época, conseguiu restituir alguns passos dessa caminhada, sistematizado no vídeo “Uma Escola para Vitória”. Segundo o depoimento da Sra. Maria Celeste, fornecido para este audiovisual, que foi professora da Ilha da Vitória durante a década de 1950, a primeira escola da ilha foi construída e mantida pelo Abrigo Batuíra, entidade religiosa que exercia um trabalho de assistência social na região do Litoral Norte Paulista.

Em seu relato a professora conta que ministrou aulas entre os anos de 1953 e 1956, na escola situada no “Leste”, porção da ilha que hoje não é mais habitada e situada entre os dois morrotes que formam o “colo” da ilha. Deste período, muita coisa permaneceu na sua memória, sobre o funcionamento da escola:

“E assim eu fiquei três anos. No outro ano já tinha primeiro e segundo ano. Turmas A, B, C e segundo ano, tudo no mesmo período. Depois eu fiquei três anos com o primeiro, segundo e terceiro ano. Tinha exames, eles levavam inspetor para fazer o exame. O Abrigo levava o inspetor para fazer os exames, provas difíceis”. (PCSSTA; LCH-FEUSP, 1993).

Ou ainda sobre os ilhéus de Vitória:

“Sabe o que eu admirava na Ilha da Vitória. Eu sempre falava para todo mundo. Eu nunca vi e acho que nunca vou ver gente tão boa e tão humilde como aquele pessoal. Ali era uma comunidade, sendo tudo como irmãos. Um ajudava o outro em tudo que podia. Não havia rivalidade de nada” (PCSSTA; LCH-FEUSP, 1993).

Dos adultos residentes em Vitória na década de 1990, alguns foram por ela alfabetizados na escola situada no “Leste”, que teve continuidade por poucos anos.

Além do Abrigo Batuíra, outras entidades de cunho religioso desenvolviam trabalhos assistenciais e educacionais no litoral paulista em meados do século XX. O livro “Semeadoras da Esperança” relata as atividades desenvolvidas pela Assistência ao Litoral de Anchieta – ALA, criada pela diocese de Santos – SP que, durante as décadas de 1940 e 1970 realizou ações educativas pelo litoral (ROLIM, 1998).

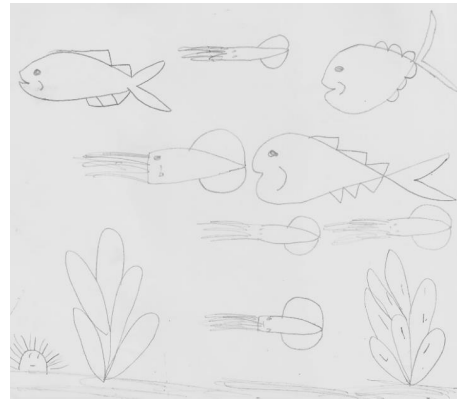
Em uma dessas atividades, o livro descreve a presença, durante um período de formação em Santos, de uma estagiária oriunda da Ilha da Vitória que se tornou costureira, enfermeira e professora da ilha no final da década de 1940. Segundo uma reportagem da época, referenciada pelo livro, essa mulher fez “em meses, uma obra que o Estado, em anos, nem cogitou de realizar” (Diário da Noite, 1950, apud ROLIM, 1998)

Afora as ações dos grupos ligados às igrejas, somam-se iniciativas dos poderes públicos, sob os auspícios do governo municipal. Realizando um salto no tempo, chega-se ao início dos anos de 1980, quando

os relatos apontam para a desativação da escola e a destruição do prédio escolar a partir de um incêndio. Esta escola já estava situada na face norte da ilha, onde se encontra o principal núcleo de povoamento.

O resultado do fechamento da escola foi o estado de completo abandono em que a educação na Ilha da Vitória se encontrava no ano de 1990, na ocasião do depoimento do Sr. Manuel Costa, durante o Encontro das Ilhas.

**Figuras 12 e 13:** A expressão dos elementos do espaço insular:



**Fonte:** PCSSTA/LCH-FEUSP (1993a); Desenho acervo pessoal (1992)

## UMA ESCOLA PARA VITÓRIA

A partir do “Encontro das Ilhas”, o Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma empenhou-se na questão da reabertura da escola em Vitória. Durante o ano de 1991 foram realizadas gestões junto à Prefeitura Municipal e à Secretaria de Educação de Ilhabela e junto à Delegacia Regional de Ensino de Caraguatatuba. Em ambas as instâncias, responsáveis pela reabertura da escola, as perspectivas para a solução oficial do problema apontavam para médio e longo prazo, sendo que as dificuldades de acesso à ilha e questões administrativas, tais como o número baixo de estudantes em idade escolar (apesar de serem mais de 20% dos habitantes da ilha), tornavam-se justificativas para tal retardo na tomada de decisões.

Diante dessa situação, o Projeto iniciou em março de 1992 um processo de ensino informal na ilha. Durante o ano, foram sete viagens de uma semana cada, nas quais a equipe desenvolveu atividades educacionais junto às crianças, jovens e adultos, iniciando o processo de alfabetização. Processo que totalizou 35 dias de aula, esta fase teve a convicção de que os primeiros passos concretos para a alfabetização deveriam ser dados, permitindo aos educandos a assimilação de letras, fonemas e numerais, bem como o desenvolvimento da coordenação motora fina.

A receptividade dos moradores, a vontade de aprender (expressa, por exemplo, pela participação de um adulto em aulas noturna após as pescarias onde retomou, após anos de abandono, a leitura, a escrita e as operações básicas de matemática) e a perseverança da equipe do projeto, permitiram ampliar esta ação em novas frentes.

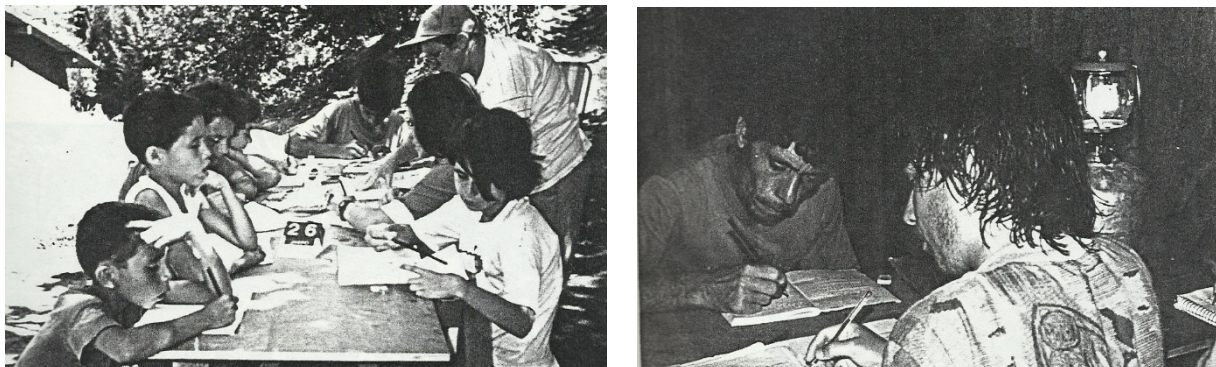
Em novembro de 1992 iniciou-se a formação de um grupo de monitores voluntários para um esforço concentrado de alfabetização na Ilha da Vitória, nos meses de janeiro e fevereiro de 1993. Em torno da Professora Nídia Nacib Pontuschka, coordenadora do Laboratório de Ciências Humanas, da Faculdade de Educação da USP e da equipe do Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma, se agruparam vinte e um voluntários: estudantes de Geografia e História, professores das Redes Públicas de Ensino, professores universitários e discentes para um trabalho de alfabetização na ilha.

Discutidas as linhas básicas de atuação, as equipes de dois a quatro membros foram montadas e se revezam após sete dias de estada na ilha, dando aulas pela manhã, tarde e noite. Um esforço que contou com o apoio da Prefeitura de São Sebastião, da Marinha do Brasil e do Corpo de Bombeiros.

Esta fase promoveu, aproximadamente, cinquenta dias contínuos de aulas pela manhã e tarde – para

crianças e jovens, e à noite para os adultos, totalizando quinze educandos participantes do processo (11 crianças e jovens e 4 adultos – número que representava cerca de 1/3 dos habitantes da ilha na época). Uma mesa e os bancos foram dispostos na pequena capela da ilha inicialmente. Posteriormente foi construída uma estrutura de bambu coberta de lona, materializando de maneira concreta a tão sonhada escola. Muitos livros foram doados pelos participantes, propiciando a formação de uma pequena biblioteca. O mesmo com os materiais escolares – lápis, canetas, cadernos, folhas.

**Figuras 14 e 15:** A escola de dia e de noite



**Fonte:** PCSSTA/LCH-FEUSP (1993a)

A atuação dos monitores baseou-se nos princípios do construtivismo, discutidos na ocasião dos preparativos do projeto e alinhavados pelos professores alfabetizadores presentes na equipe. Foram desenvolvidas atividades de leitura e escrita, a partir de pequenos textos produzidos coletivamente que tiveram por base os elementos do cotidiano da ilha: as atividades de pesca, o trabalho nos roçados, as características do ambiente insular, as brincadeiras das crianças. Também foram realizados trabalhos de construção dos numerais e das operações básicas de matemática, trabalhos de campo e atividades lúdicas como o desenho, os jogos, as músicas, o contar histórias, o teatro.

A apreensão do cotidiano da ilha representou um desafio para o processo de alfabetização. Os ritmos e tempos da vida insular, o conhecimento da faina pesqueira, do trabalho nos roçados e no artesanato e o contato com a linguagem dos ilhéus e suas formas de expressão, exigiram da equipe um movimento contínuo de avaliação, planejamento e ação para elaborar as atividades pedagógicas das manhãs, tardes e noites, numa disposição de entregar-se ao desafio de ensinar, aprender e respeitar o outro.

Também a integração com a comunidade, sem a qual nada seria possível, e a adaptação às condições de estrutura presente na ilha exigiu de toda a equipe: monitores, coordenação e pessoal de apoio logístico, um trabalho incessante durante dois meses. Cada troca de turma pressupunha uma nova realidade, novas sensações, como a ansiedade da chegada e uma ponta de tristeza na partida. Convencionou-se alguns procedimentos para o revezamento das turmas, tais como uma breve reunião de trabalho entre os que saíam e os que chegavam, a leitura dos registros do diário e a apresentação do novo grupo à comunidade.

**Figuras 16, 17 e 18:** Barcos em diversas perspectivas e movimentos



**Fonte:** Acervo pessoal (1992)



Ao final da última semana de aula, no momento da busca dos monitores, foi realizada uma confraternização com a presença dos ilhéus, dos monitores, da coordenação do Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma e do Laboratório de Ciências Humanas da Faculdade de Educação da USP e dos apoiadores do projeto. Neste momento foi firmado o compromisso de prosseguir na luta pela reabertura da escola na ilha, demarcando que os passos desenvolvidos até então se configuraram como etapas do longo processo de universalização do ensino e da busca de uma educação como prática da cidadania e da liberdade.

Também foi relatado que os passos dados consistem em uma fase na construção do saber. Fase em que pequenas quadras são semeadas e já florescem, sendo necessário prosseguir no trato do cultivo. O cultivo é o processo, a luta e o desafio de uma escola para Vitória.

**Figura 19:** O registro do término de uma etapa. Presentes os ilhéus de Vitória, dentre eles o Sr. Manuel Costa (terceiro em pé da esquerda para direita) e os membros e apoiadores do projeto, dentre eles a Profa. Nídia N. Pontuschka



Fonte: PCSSTA/LCH-FEUSP (1993a)

## DESDOBRAMENTOS

A importância das ações realizadas é avaliada pelo Sr. Ramiro Costa, um dos educandos do projeto e liderança na ilha, sob três perspectivas, que podem ser assim desmembradas a partir de suas falas, transcritas a seguir, presentes no documentário sobre o projeto produzido em 1993 (PCSSTA/LCH-FEUSP, 1993):

**Como resultado do trabalho realizado:** “Escola aqui é bom para as crianças aprenderem, né. Não sabe nada, não fazem nem o nome. Agora tão aprendendo alguma coisa”.

**Como importância da alfabetização:** “É bom, porque assim não ocupa ninguém para marcar nada para a gente. A gente marca as coisas que a gente precisa, lê as coisas também”.

**Como um processo político:** “Tem que continuar. Mandar o prefeito fazer a escola para as crianças, né? Ver um lugar aí para fazer a escola, para as crianças aprender, para não esquecerem o que já tão sabendo”.

Frente a este último tópico – a educação como um processo político, foram realizadas inúmeras tratativas com os órgãos responsáveis pela construção e reabertura da escola. Foi apresentada a experiência desenvolvida em 1992 e 1993, foram apresentadas sugestões de localização do prédio escolar, tendo o Sr. Emiliano, também morador da ilha, disponibilizado uma outra “cava” para implantação da escola, bem como esboços de uma sala de aula, de madeira, a ser construída.

Ante o protelamento da tomada de atitudes por parte dos órgãos competentes, foi dado prosseguimento a um novo processo informal de ensino, durante cerca de cinco anos, dando continuidade ao já realizado e atendendo às outras duas perspectivas apontadas pela fala do Sr. Ramiro Costa: a importância da escola e da alfabetização.

Somente ao final da década de 1990, a escola da Ilha da Vitória, desativada no início dos anos de 1980, foi oficialmente reinaugurada.

## REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Sueli (Coord.) **Ilhas do Litoral Paulista**. São Paulo: SMA, 1989

CARDOSO, Eduardo Schiavone. **Vitóreiros e Monteiros**: Ilhéus do Litoral Norte Paulista. Dissertação – Mestrado em Geografia. São Paulo: FFLCH-USP, 1996.

CARDOSO, Eduardo Schiavone; THOMAZ Jr, Antonio. Ilhéus do Litoral Norte Paulista – Espaço, Pesca e Trabalho. In: **Revista do Departamento de Geografia – USP**. V. 25, p. 187-205, 2013.

LUTFY, Eulina Pacheco; SEABRA, Manoel; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Rua e Escolas: Compassos. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib (Org.) **Ousadia no Diálogo: Interdisciplinaridade na escola pública**. São Paulo: Edições Loyola, p.143-185, 1993.

PCSSTA. **Folder Informativo das Ações do Projeto**. São Sebastião: PCSSTA, 1992.

PCSSTA/PPCAUB-USP. **Carta do Ilhéu**. São Sebastião: PCSSTA/NUPAUB, 1990.

PCSSTA/LCH-FEUSP. **Uma Escola para Vitória - Audiovisual**. São Sebastião: PCSSTA/LCH-FEUSP, 1993.

PCSSTA/LCH-FEUSP. **Uma Escola para Vitória – Memória Fotográfica**. São Sebastião: PCSSTA/LCH-FEUSP, 1993a.

ROLIM, Lia Cintra. **Semeadoras da Esperança: A.L.A. – uma forma de educar**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.